

## DESPEDIDA COMO TANTAS

Esta história não é minha,  
É do Juquinha Avelar,  
Que me pediu letra e nome,  
Quando a pudesse contar.

Ele disse: — Há quem indague,  
Na vida em que me aprofundo,  
O que foi que vi, de perto,  
Quando cheguei no "outro mundo".

Por isso, ninguém se espante,  
Nem se fira na surpresa,  
Se minha fala aborrece,  
Pois, converso com franqueza.

Meu grande choque, a princípio,  
Foi enxergar, ao meu lado,  
Meu corpo frio e sem vida,  
Lembrando um tronco lascado.

Nada sabia da morte ...  
Sentia enorme cansaça ...  
E o meu susto foi tão grande  
Que caí numa cadeira.

Havia gente na sala,  
Conversando, à revelia ...  
Gemi, pedindo socorro,  
No entanto, ninguém me ouvia.

Vi minha velha num quarto,  
Magrinha, quase esqueleto;  
Chorava, desconsolada,  
Toda vestida de preto.

Os meus dois filhos presentes,  
Antoniquinho e Cesário,  
Segredavam, de um a outro,  
Sobre assuntos de inventário.

Antoniquinho explicava  
Que exigia toda a gleba,  
Com casa e benfeitorias  
Do Sítio da Jurubeba.

Mas Cesário acrescentava  
Que não cederia tudo,  
Que todo caso de herança  
Precisa de muito estudo.

Eles dois continuavam  
Fechados na discussão,  
Nem se lembravam de mim,  
Entre a cadeira e o caixão.

Acompanhando, de perto,  
Os lances daquela briga,  
Sentia arrocho no peito  
E muito dor de barriga.

Notando a falta de apreço  
Que vinha de minha gente,  
Sofri aflição de novo,  
Tornei a ficar doente.

Dona Cocota afirmava,  
Sempre agarrada à mentira,  
Que eu furtara muita terra  
No Roçado da Traíra.

Por fim, me vi agitado,  
Naquela sala de espera,  
Cansado de tanto ouvir  
O que era e o que não era.

Quase louco me apeguei  
À força que vem da prece,  
Rogava socorro ao Cristo,  
Viesse de onde viesse.

Aí, um guarda surgiu,  
Mostrando sinais de luz;  
Entendi que era a resposta  
Do meu pedido a Jesus.

Desviei minha atenção  
Para as visitas, em casa,  
Aí senti que a vergonha  
Punha meu rosto na brasa.

Todo o assunto, em andamento  
 Era simples zombaria;  
 Cochicando, a meu respeito,  
 O grupo falava e ria.

O amigo Tônico Sales,  
 Apontando-me a carcaça,  
 Comentava que eu morrera  
 De tanto beber cachaça.

O Adão dizia que eu  
 Andava sempre na "chuva",  
 Mas carregava nas costas  
 Muito choro de viúva.

O guarda puxou-me o braço  
 Para eu deixar o velório,  
 Mas eu disse ter receio  
 Do inferno e do purgatório.

Ele, porém, me explicou,  
 Alegre e calmo, sorrindo:  
 — Avelar, do purgatório,  
 Você hoje está saindo.

Então, procurei a rua  
 E larguei os gritos meus:  
 - Adeus, Terra!... Adeus, meu povo!...  
 Purgatório, adeus, adeus!...

MANOEL SERRADOR